



Que torcida é essa? O torcer como elemento didático no ensino de Geografia

João Vitor Cardoso Sudário¹
Universidade Federal Fluminense

Rafael Freitas Bezerra²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Torcer para um clube de futebol é uma prática social que ultrapassa os limites do esporte, constituindo um fenômeno territorial e cultural de grande relevância para a Geografia. Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir do contexto urbano do Rio de Janeiro, as relações entre o ato de torcer, a construção de identidades e a produção do espaço. Fundamenta-se na articulação entre a geografia ensinada e a geografia vívida, valorizando as experiências e percepções dos educandos como ponto de partida para a reflexão geográfica. Metodologicamente, propõe-se o uso do futebol como instrumento pedagógico capaz de aproximar o ensino da realidade cotidiana dos alunos, permitindo compreender as territorialidades e as sociabilidades que emergem do fenômeno esportivo. Conclui-se que o torcer é uma forma de produzir e significar o espaço urbano, expressando identidades coletivas e práticas de pertencimento que podem enriquecer o ensino da Geografia.

Palavras-chave: Futebol; Território; Torcida; Ensino de Geografia; Sociabilidade.

WHICH SUPPORTERS ARE THESE? CHEERING AS A DIDACTIC ELEMENT IN GEOGRAPHY TEACHING

Abstract

Supporting a football club is a social practice that goes beyond sports, constituting a territorial and cultural phenomenon of great relevance to Geography. This study aims to discuss, within the urban context of Rio de Janeiro, the relationships between cheering, identity formation, and the production of space. It is grounded in the articulation between *taught geography* and *lived geography* (Alves & Sahr, 2009), valuing students' experiences and perceptions as a starting point for geographic reflection. Methodologically, it proposes football as a pedagogical tool capable of connecting Geography teaching with students' everyday realities, fostering understanding of the territorialities and sociabilities emerging from the sport. The study concludes that cheering represents a way of producing and giving meaning to urban space, expressing

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (POSGEO), UFF. E-mail: joaovitorcsudario@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1928-2937>.

² Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: freitasrafaelbez@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8365-9753>

collective identities and practices of belonging that enrich Geography education.

Keywords: Football; Territory; Supporter; Geography Teaching; Sociability.

¿QUÉ HINCHADA ES ESTA? EL ACTO DE ALENTAR COMO ELEMENTO DIDÁCTICO EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Resumen

Ser hinchado de un club de fútbol es una práctica social que trasciende el ámbito deportivo, constituyendo un fenómeno territorial y cultural de gran relevancia para la Geografía. Este trabajo tiene como objetivo analizar, en el contexto urbano de Río de Janeiro, las relaciones entre el acto de alentar, la construcción de identidades y la producción del espacio. Se fundamenta en la articulación entre la *geografía enseñada* y la *geografía vivida* (Alves & Sahr, 2009), valorando las experiencias y percepciones de los estudiantes como punto de partida para la reflexión geográfica. Metodológicamente, se propone el fútbol como una herramienta pedagógica capaz de acercar la enseñanza de la Geografía a la realidad cotidiana de los alumnos, posibilitando la comprensión de las territorialidades y sociabilidades que surgen del fenómeno deportivo. Se concluye que alentar es una forma de producir y significar el espacio urbano, expresando identidades colectivas y prácticas de pertenencia que enriquecen la enseñanza geográfica.

Palabras clave: Fútbol; Territorio; Hinchado; Enseñanza de Geografía; Sociabilidad.

Introdução

O futebol, mais do que uma simples prática esportiva, constitui um fenômeno social de grandes proporções, profundamente enraizado na cultura e na formação identitária brasileira. Sua presença transcende os limites dos estádios e das transmissões midiáticas, configurando-se como elemento estruturante das relações sociais, dos pertencimentos territoriais e das formas de expressão cultural de amplas parcelas da população. Nesse sentido, compreender o futebol e o ato de torcer como práticas espaciais é fundamental para a análise das territorialidades contemporâneas e para o ensino da Geografia, uma vez que ambos expressam e produzem modos de organização e vivência do espaço.

A paixão clubística, longe de ser apenas uma emoção efêmera, constitui um processo territorial, no qual indivíduos e grupos se apropriam do espaço, atribuindo-lhe sentidos, valores e pertencimentos específicos. Assim, compreender o futebol como fenômeno territorial é compreender como o espaço é vivido, representado e disputado — conforme a perspectiva de Raffestin (1993), para quem o território é sempre uma construção social resultante das relações de poder mediadas pelo espaço.

A prática do torcer, frequentemente naturalizada como mera manifestação cultural ou lazer, revela-se como um campo privilegiado de análise das territorialidades urbanas. As torcidas organizadas, os símbolos, as cores e as rivalidades entre clubes configuram redes de pertencimento e de apropriação que transcendem o espaço físico dos estádios, produzindo marcas identitárias na cidade. Em bairros, bares, praças e muros, o torcer se espacializa e se territorializa e nessa perspectiva, o futebol atua como mediador das relações entre o local e o global, ao mesmo tempo em que estrutura uma experiência territorial compartilhada.

Conceito muito importante dentro dos estudos geográficos, o território quando analisado a partir do futebol adquire concepções multidimensionais. Conforme Haesbaert (2020 [2004]; 2014) propõe, ele deve ser concebido como um processo multidimensional, que articula dimensões materiais, simbólicas e identitárias. Torcer por um clube de futebol é, nesse sentido, exercer uma territorialidade: um modo de se situar no mundo, de demarcar fronteiras

simbólicas e de reivindicar pertença. O ato de vestir uma camisa, pintar um muro ou frequentar o estádio constitui, portanto, práticas de territorialização — fenômenos que expressam, conforme Sack (1986), o poder humano de afetar e ser afetado por um espaço determinado.

A escolha pelo futebol carioca, para além das posições torcedoras dos pesquisadores e pela proximidade geográfica que tem com os objetos, está diretamente relacionada com a presença de quatro grandes clubes de futebol profissional na cidade demonstrando diferentes relações entre identidades torcedoras e urbanidades. Dito isso, o presente trabalho busca compreender como o torcer se manifesta como prática de produção espacial e de sociabilidade. Pretende-se, ainda, analisar as possibilidades de incorporar essas experiências à prática docente, aproximando a geografia ensinada da geografia viva, conforme a proposição de Alves e Sahr (2009), na medida em que o futebol, como linguagem cotidiana, permite ao educando reconhecer-se enquanto produto e produtor das dinâmicas do torcer em um contexto urbano.

Assim, a presente pesquisa parte do princípio de que o futebol, em sua dimensão simbólica e material, constitui um campo de expressão das territorialidades humanas, em que o espaço urbano é continuamente ressignificado. A apropriação espacial promovida pelas torcidas e pelos grupos de torcedores é expressão concreta de uma geografia viva, na qual o território é tanto palco quanto resultado das práticas sociais. Em termos pedagógicos, compreender o torcer como prática territorial abre caminho para metodologias inovadoras no ensino de Geografia, que valorizem o cotidiano, a experiência sensível e o pertencimento como dimensões legítimas da produção do conhecimento.

Ao situar o futebol no centro da reflexão geográfica, este artigo propõe não apenas uma ampliação temática da disciplina, mas também uma revisão epistemológica de suas categorias analíticas. O futebol, enquanto prática territorial e fenômeno espacial, constitui um instrumento de leitura crítica do mundo contemporâneo, revelando as múltiplas escalas, identidades e conflitos que conformam o território urbano brasileiro.

Caminhos territoriais

O futebol, enquanto manifestação cultural amplamente disseminada,

constitui uma expressão territorial de grande densidade. Ele participa da produção simbólica do espaço urbano e, ao mesmo tempo, revela as dinâmicas de poder, pertencimento e diferenciação social que marcam o território. Nesse sentido, o futebol ultrapassa a condição de mero espetáculo esportivo: ele é uma linguagem espacial, um sistema de valores e representações que materializa as experiências sociais no território. Como observa Milton Santos (1996), o espaço deve ser compreendido como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, e é nesse entrelaçamento que o futebol se torna uma força produtora e reprodutora da vida social.

Ao mesmo tempo, o esporte pode ser compreendido como um dispositivo de controle e de resistência dentro da sociedade urbana. Os estádios, as torcidas e as territorialidades que emergem em torno dos clubes expressam relações de poder que configuram o território enquanto espaço de ação e dominação (RAFFESTIN, 1993). Assim, o ato de torcer é também uma forma de apropriação simbólica do espaço: uma territorialidade construída por meio de rituais, práticas coletivas e afetividades que criam fronteiras invisíveis, mas socialmente reconhecidas.

A categoria de territorialidade é fundamental para compreender o fenômeno do torcer. Desde Sack (1986), entende-se a territorialidade como o conjunto de estratégias pelas quais grupos humanos influenciam, controlam e se identificam com um espaço. Essa concepção, ampliada por Haesbaert (2004), introduz a ideia de múltiplas territorialidades, nas quais o sujeito contemporâneo transita por diferentes esferas de pertencimento — simbólicas, políticas e afetivas. O torcedor, ao se identificar com um clube, não apenas adere a um conjunto de símbolos, mas também constrói uma territorialidade complexa, marcada por afetos, memórias e relações de poder.

Por outro lado, o ato de torcer também pode ser lido como resistência simbólica frente às forças de homogeneização do espaço urbano globalizado. Ao estabelecer identidades locais e comunitárias, o torcedor reivindica o direito de produzir e significar o espaço à sua maneira, operando no que Lefebvre (1991) denomina de “produção do espaço”. Para o autor, o espaço não é um dado neutro, mas uma construção social e histórica, marcada pelas contradições entre o espaço concebido (planejado, institucional), o espaço percebido (vivido no cotidiano) e o espaço vivido (carregado de simbolismo e

afeto). O futebol, ao articular essas três dimensões, atua como uma força produtiva da urbanidade, traduzindo conflitos, aspirações e pertencimentos.

A cidade do Rio de Janeiro constitui um laboratório privilegiado para compreender como o futebol produz o espaço urbano. Desde o início do século XX, o desenvolvimento do futebol carioca acompanhou os movimentos de modernização, expansão e fragmentação da cidade. Os clubes foram criados em função de localizações estratégicas e, ao longo do tempo, tornaram-se agentes de estruturação do tecido urbano. A presença de estádios como o Maracanã e São Januário, por exemplo, não é apenas arquitetônica, mas profundamente simbólica: representa a centralidade cultural e identitária de um território que transcende fronteiras municipais e nacionais.

Portanto, o futebol, enquanto prática territorial, não apenas reflete a estrutura urbana, mas participa ativamente de sua produção. As rivalidades entre clubes, as redes de torcedores e os usos simbólicos do espaço urbano configuram uma verdadeira cartografia da cidade. Esse fenômeno, ao ser trazido para o campo do ensino de Geografia, permite explorar de modo crítico as categorias de território, lugar e identidade, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à realidade dos educandos.

Entre a territorialidade do futebol e o ensino

Como prática territorial, o futebol e seus espaços simbólicos, permitem uma apreensão do educando de maneira inovadora. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho se amparou na competência EM13CHS404 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que busca analisar a produção de diferentes territorialidades em diversas dimensões, como cultural, econômica, política e social, destacando a cultura juvenil. Além de possibilitar uma maior participação dos discentes, a proposta buscou dialogar com outras práticas espaciais, como o grafite e as rodas de rima, presentes no imaginário juvenil contemporâneo.

Dentro desse viés, o conceito de território foi escolhido para ser aprofundado com uma turma de primeiro ano do ensino médio em uma escola privada de Duque de Caxias/RJ, a partir de uma abordagem que contou com o esporte bretão como base. Em duas aulas, com o intervalo de uma semana entre elas, os discentes foram apresentados ao conceito de território e suas

principais abordagens, visando a compreensão inicial dos educandos do conceito a partir das relações de poder (RAFFESTIN, 1993). As relações existentes entre facções criminosas e determinados espaços da cidade, foram realçadas buscando apresentar situações próximas à realidade dos alunos, promovendo o pensamento espacial por meio de experiências vividas (CASTELLAR, 2011).

Inseridos em um espaço marginalizado da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o conhecimento prévio sobre a lógica de conflitos entre facções rivais em todo o estado, contribuiu para uma rápida absorção do conceito, permitindo avanços. As territorialidades futebolísticas, assim, foram sendo apreendidas, aprofundando a discussão em torno do conceito. O estádio e as sedes dos clubes foram rapidamente apontados como exemplos de territorialidades dos times do Rio de Janeiro, estabelecendo uma rápida relação simbólica.

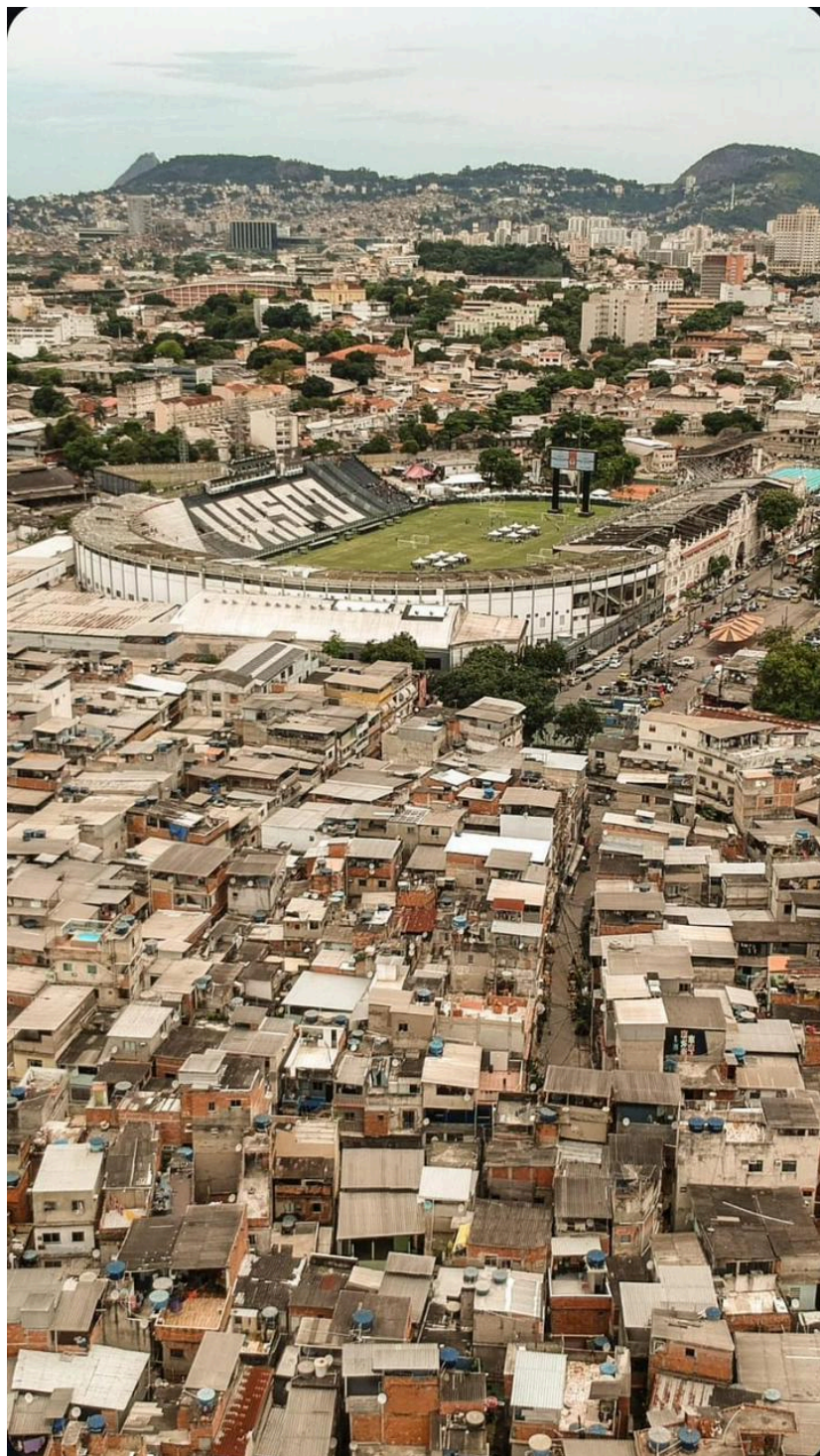
Nesse momento, a discussão envolvendo a localização do estádio de São Januário, do Club de Regatas Vasco da Gama, na zona norte da cidade carioca, evidenciou o simbolismo da relação entre clube e localidade. Como visto na figura 1, o estádio vascaíno é localizado ao lado da favela da Barreira do Vasco, o que reforça o caráter simbólico realçado pelo clube na relação com o espaço favelado. Para além disso, a alcunha “legítimo clube do povo”, vista na figura 2, é um forte discurso por parte do Vasco da Gama visando assegurar o capital simbólico perante seu posicionamento na cidade.

Um ponto importante que foi destacado foi o fato do estádio vascaíno ter representado uma ruptura da lógica vigente do futebol carioca, quando inaugurado em 1927 (MASCARENHAS, 2017b). O principal estádio da capital brasileira no início do século XX era localizado nas Laranjeiras, bairro da zona sul carioca. Quando o estádio vascaíno abre suas portas, ocorre uma mudança do centro gravitacional do futebol da cidade do Rio de Janeiro, com São Cristóvão, um bairro da zona norte, sendo alçado como o local do maior estádio do Brasil. Ferreira (2004) aponta para a infraestrutura pré-existente por conta da estadia da Família Real no bairro como fator considerado na aquisição do terreno por parte do Vasco. Essa aproximação permitiu uma rápida interação interdisciplinar com a história, apontando importantes solenidades e festividades que ocorreram em São Januário durante o século XX, como os

famosos discursos de Getúlio Vargas (BEZERRA E MESQUITA, 2023).

Figura 1

Vasco, favela e o simbolismo do território



Fonte: Dikran Sahagian (2025).

Figura 2

“Legítimo clube do povo”



Fonte: Rafael Freitas Bezerra (2022).

As discussões em torno do território vascaíno acirraram os ânimos mais clubistas, numa evidente discussão permeada por paixões. O próximo passo seria estabelecer a ideia de torcer nas visões sobre o território. Embora fosse pequena a parcela de discentes que já havia frequentado um estádio de futebol, todos já torceram. Em casa, na rua, com a camisa do seu clube de coração, sem camisa, “com a camisa do camêlo”. O torcer é um ato que perpassa a sociabilidade de grande maioria das pessoas do país e auxilia na construção do imaginário social em torno do futebol.

Em um primeiro momento, o não frequentar estádio colocou uma dúvida sobre eles torcerem ou não para seus respectivos clubes. “Eu em casa também estou torcendo?”. É curioso presenciar como os limites dos equipamentos esportivos não são suficientes para aprisionar um ato de sociabilidade que atravessa a cidade, as regiões e, por que não, todo o mundo. Ao se entenderem e afirmarem como pertencentes à lógica torcedora, foi possível notar um engajamento ainda maior, promovendo uma riqueza de ideias em torno do que seria torcer ou não para o seu clube.

Com os discentes mais acostumados com a temática, o segundo momento foi iniciado com uma roda de conversa intitulada “Como e onde você torce?”. Nesse instante, cada aluno e aluna realizou um breve relato do local

onde costuma assistir aos jogos do seu clube do coração, as práticas torcedoras mais comuns, além das manifestações simbólicas proferidas. Depois de entenderem que fazem parte da lógica futebolística e apontarem suas maneiras de torcer, os discentes visualizaram as disputas territoriais no interior dos equipamentos esportivos como principal abordagem a ser focalizada.

Um estádio de futebol, como o Maracanã, possui suas próprias territorialidades em dias de jogos do Clube de Regatas do Flamengo, por exemplo. Determinada torcida possui seu espaço estabelecido, enquanto outras também possuem suas próprias áreas. As faixas, também são indicadores de territorialidades, com o tamanho e o posicionamento em referência às imagens da televisão como demonstração de poder no interior do estádio. Nesse sentido, existem tensões dentro do universo de uma torcida de um mesmo clube. Mantendo o Flamengo como exemplo, o clube rubro-negro possui seis grandes torcidas organizadas, inseridas no setor norte do Maracanã. É notório que existe uma relação de poder no interior desse estádio, com implicações mais diretas e outras indiretas.

O próprio posicionamento das torcidas organizadas em todos os jogos realizados no Maracanã, independente de ser uma partida do Flamengo ou de outro clube, possibilitam a interpretação de como o equipamento esportivo possui territorialidades determinadas. Nos setores mais baratos, localizados atrás dos gols e denominados “norte” e “sul”, as torcidas organizadas possuem seu acesso liberado, com bandeiras, como visto na figura 3, e instrumentos musicais. Já nos setores com melhor localização para acompanhar as partidas, com uma visão lateral do campo, denominados “leste” e “oeste”, não são permitidas torcidas organizadas, sendo os espaços com ingressos mais caros.

Essa relação no interior de um equipamento esportivo realçou a discussão com os discentes sobre relações de poder e território. Diante de tal temática, foi apontado por um aluno a ocorrência de confrontos entre torcidas do mesmo clube no interior da área destinada às organizadas, reafirmando a territorialidade e os conflitos existentes nesse espaço heterogêneo. Os confrontos entre torcedores e com a polícia militar, como pode ser visto na figura 4, existem no interior e exterior do estádio, não sendo exclusividade do Maracanã, muito menos do Brasil, reafirmando como os estádios de futebol,

por todo o globo, são um terreno fértil para se pensar territorialidade, poder e geografia de maneira geral.

Figura 3
O “setor organizado”



Fonte: Veja (2020).

Figura 4
Estádio como território de disputa



Fonte: Extra (2023).

A partir da pesquisa de mestrado de um dos autores, o Maracanã foi apresentado como esse território a ser disputado e vivenciado, com o futebol expressando territorialidades de diversas maneiras. Por fim, buscou-se apresentar que o ato de torcer, e os estádios de maneira geral, podem gerar inclusão, como os mais recentes espaços destinados a torcedores autistas nos equipamentos esportivos (FRANÇA, 2025). Porém, da mesma forma que pode incluir, o estádio de futebol também pode presenciar conflitos e excluir parcelas da população, principalmente as mais carentes a partir do avanço da arenização pelo país (MASCARENHAS, 2017a).

Considerações finais

Antes do planejamento para a abordagem territorial a partir do futebol, os discentes já apresentavam proximidade com o esporte. As discussões em torno das rodadas do campeonato brasileiro eram acaloradas, com as brincadeiras entre discentes e docentes sendo constantes. Todavia, o gosto pelo futebol não era certeza de sucesso dessa empreitada. Território, torcer, estádio e afins, poderiam confundir os alunos e alunas, complexificando uma perspectiva já consolidada no ensino da geografia: o território.

Utilizar o futebol para a reflexão geográfica, possibilitou uma aproximação das vivências dos educandos, com o esporte sendo um elo entre o conteúdo escolar e o espaço vivido. Diante dessa seara, o futebol possibilitou uma rápida aceitação por parte dos discentes, que se apresentaram de maneira engajada na edificação conjunta do conhecimento. Para além disso, houve a construção coletiva em torno da criatividade e também da coerência na interpretação das diferentes territorialidades.

Por fim, foi possível notar a ocorrência de uma maior compreensão do conceito de território, além da noção de identidade e pertencimento, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem a partir de perspectivas que perpassam pela vida dos alunos fora do ambiente escolar.

A utilização do futebol como ferramenta pedagógica no ensino de geografia revelou-se uma estratégia eficaz para aproximar os conteúdos escolares da realidade vivida pelos estudantes. Ao tratar o espaço geográfico a partir de práticas culturais presentes no cotidiano, como o ato de torcer, ocupar e

ressignificar lugares, o ensino se torna mais significativo e contextualizado. Essa abordagem favorece a leitura crítica do espaço e estimula o aluno a compreender as relações sociais e territoriais que estruturam o mundo em que vive.

Assim, o futebol, além de manifestação esportiva, configura-se como fenômeno geográfico capaz de articular identidades, territorialidades e pertencimentos, promovendo reflexões sobre desigualdades e dinâmicas espaciais. Ao ser incorporado às práticas pedagógicas, possibilita que o estudante perceba o espaço como construção coletiva e simbólica, conectando-se ao seu lugar e ampliando sua visão de mundo. Dessa forma, reafirma-se o papel da Geografia escolar como campo de formação crítica, que contribui para a compreensão do espaço e para a construção da cidadania.

Referências

ALVES, Ana Paula Ferreira; SAHR, Cicilian Luiza Lowen. **Geografia ensinada e geografia vívida: aproximações possíveis.** *Revista Geografia (Londrina)*, v. 18, n. 2, p. 5-20, 2009.

BEZERRA, Rafael Freitas; MESQUITA, Zandor Gomes. **A geografia como camisa dez: uma análise da produção do espaço a partir de São Januário.** *Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia*. V. 21, n. 1. p. 100-121. 2023.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo na educação básica.** São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Fernando da Costa. **O bairro Vasco da Gama: um novo bairro, uma nova identidade?** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

FRANÇA, Valéria. **Conheça os clubes que investem em espaços para torcedores autistas.** *Veja*, 2025. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/comportamento/conheca-os-clubes-que-investem-em-espacos-para-torcedores-autistas/>>. Acesso em: 05 nov. 2025.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020 (2004).

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space.** Oxford: Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace.** 4. éd. Paris: Anthropos, 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. **Estádios de futebol: objeto de desejo, de disputas e (cada vez mais) de estudos.** *Ludopédio*, São Paulo, v. 99, n. 21, 2017a. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/estadios-de-futebol/?srsltid=AfmBOor0aBL5k0HfM7Fgn63CG2hllZjAIZEAdhy6YDLCs7yE_OyviKZi#google_vignette>. Acesso em: 04 nov. 2025.

MASCARENHAS, Gilmar. **São Januário, essa força estranha.** *Ludopédio*, São Paulo, v. 100, n. 20, 2017b. Disponível em: *Revista HNE-NIESBF. 2026;15:e98008*

<<https://ludopedio.org.br/arquibancada/sao-januario-essa-forca-estranha/?srsltid=AfmBOoodPLvnivSmUpMKiuLVhv4v6QaEhXuJ46i9ok1g29LocNgefYWZ>>.

Acesso em: 05 nov. 2025.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, Robert David. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local: lugar e globalização**. *Revista Território*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 5–18, 2002.